



Armando
Cepêda

Comecei na Póvoa de Varzim, onde tirei o curso de serralharia na Escola Industrial. Estaguei em Leça da Palmeira nas oficinas da APDL, no Porto de Leixões, que eram um sorvedouro de gente das escolas industriais.

Depois do estágio fui trabalhar, em 1961, para Vila Nova de Famalicão, na CRUMP. Entrei para o gabinete técnico e foi aí que comecei a minha vida como desenhador. A CRUMP era uma empresa fabricante de máquinas têxteis, e uma empresa de referência em termos de metalomecânica no Norte do país. Teria cerca de 250 funcionários e as áreas variavam desde a carpintaria de moldes, passando pela fundição até às máquinas de chave-na-mão.

Em 1962 fui cumprir o serviço militar, que durou mais de 3 anos. Fiz o curso de sargento miliciano na Escola Prática de Engenharia, em Tancos, com a especialidade de sapador de engenharia. Fui colocado no Porto e por lá me mantive durante os 3 anos, excepto três meses que passei em Santa Margarida a dar formação, como instrutor. Felizmente escapei ao Ultramar.

Regressei à CRUMP depois de cumprir o serviço militar, mas aí só permaneci durante um mês.

Encontrei a Somatex, onde trabalhei durante dois anos, depois de uma investigação de novas perspectivas trabalho. Aí foi a minha entrada na indústria dos moldes. A Somatex era uma empresa de moldes situada no Porto. Era uma empresa modelo, bastante bem equipada, com um excelente grupo de profissionais tanto nos departamentos técnicos como na produção. Adaptei-me bastante bem a esta indústria. Na altura havia pouca informação sobre os moldes, e a pouca que havia era em inglês. Destaco a revista *Modern Plastics*, que ainda hoje existe, e um livrinho que encontrei (... e que ainda hoje guardo) sobre os primeiros rudimentos dos canais quentes. Por essa razão e porque compreendi que me seria útil se quisesse seguir nos moldes, optei por frequentar um curso de inglês no Instituto Britânico

SOMATEX

A Somatex era uma empresa de moldes situada no Porto. Era uma empresa modelo, bastante bem equipada, com um excelente grupo de profissionais tanto nos departamentos técnicos como na produção.

Os Srs. Alfredo e Luís Barros eram os dois irmãos donos da Somatex foram entusiasmados pelo Sr. Pedro Viana Jorge a entrar na indústria de moldes e assim formaram a Somatex

do Porto, apesar de já possuir alguns conhecimentos.

Os Srs. Alfredo e Luís Barros eram os dois irmãos donos da Somatex. Anteriormente tinham sido comerciais que se dedicavam ao negócio de máquinas têxteis, sobretudo máquinas para malhas e nos finais dos anos 50, segundo me foi contado, foram entusiasmados pelo Sr. Pedro Viana Jorge a entrar na indústria de moldes e assim formaram a Somatex. O nome de Pedro Viana Jorge era bem conhecido, então, no mundo dos moldes e vem mencionado no livro publicado do primeiro Congresso da indústria de moldes.

A Somatex tinha cerca de 50 funcionários e na sala de desenho já tinha 6 pessoas. Possuía umas instalações muito cuidadas e bem distribuídas e naquela época já possuía uma ponte rolante e tinha um departamento de injeção para ensaiar algumas peças, já com a capacidade de ensaiar moldes com 3 a 4 mil quilos.

Creio que era uma das empresas de moldes melhor estruturadas, mesmo comparando-a com as empresas de Oliveira de Azeméis. Contudo era inferior às grandes empresas da Marinha Grande que já existiam. Trabalhava fundamentalmente com os mercados inglês e norte-americano, já com cliente directos, mas também com alguns agentes. Os moldes eram maioritariamente para artigos de lar, cones para a indústria têxtil e brinquedos mas também já apareciam algumas peças técnicas.

Recordo-me que na altura desenvolveu uma parceria de troca de informação e trabalhos com a Aníbal H. Abrantes, empresa bem conhecida e considerada uma espécie de universidade da indústria de moldes em Portugal. Foi nessa época que eu conheci o Henrique Neto, que vinha pela Somatex na qualidade de técnico de moldes em representação de empresas americanas.

PEDRO VIANA JORGE

Saí de Somatex em Março de 1967 e fui trabalhar dois anos com Pedro Viana Jorge. Era um exportador de moldes e tinha uma pequena fábrica de moldes, com cerca de 20 funcionários, situada nos Carvalhos. Em Vila Nova de Gaia, no rés-do-chão da vivenda onde ele próprio residia, tinha o escritório com a sua estrutura comercial e administrativa e o gabinete de técnico e de projecto. Isto situava-se próximo da empresa António Sardinha.

A esposa de Pedro Viana Jorge era quem tratava da parte administrativa e dos contactos comerciais. Na fábrica acabavam-se alguns moldes subcontratados e fabricavam-se moldes completos. O parque de máquinas era pequeno; uma mandriladora média, algumas fresadoras ferramenteiras, uma ou duas de desbaste, uma rectificadora e um ou dois tornos. Como era uma pequena empresa, e por isso mesmo não fazia todos os moldes que depois exportava. Distribuía os restantes moldes (que não podia produzir) por outras empresas da zona do grande Porto e Oliveira de Azeméis. Trabalhava essencialmente com os mercados inglês e norte-americano.

Eu fui admitido para me ocupar da parte técnica e assumir a chefia no gabinete de desenho. Era uma função relativamente audaz visto que a minha experiência no sector não era de mais do que dois anos. Éramos nós que desenhávamos os moldes para depois os contratar nas empresas que nos desse melhores condições.

Pedro Viana Jorge era de Lisboa e seu pai tinha uma oficina de medalhista, parece que situada nas Portas de Santo Antão, onde ele aprendeu e trabalhou como pantografista. Aliás um excelente pantografista, e também fresador. Creio que foi a razão de mais tarde ele aparecer na Marinha Grande.

Foi dessa maneira que conheci um bom leque de empresas de moldes em Portugal. Recordo-me de empresas que entretanto já se extinguíram, como a Romãozinho (em Espinho) ou a Metaldas (em Oliveira de Azeméis), ou empresas que se mantiveram ou evoluíram bastante, como é o caso da Simoldes (nessa altura a Simoldes ainda só teria uns 40 a 50 funcionários), da Moldoplástico (que na altura seria a maior empresa de Oliveira de Azeméis) e outras empresas mais pequenas, como era então a Silva Godinho e outras.

Pedro Viana Jorge era de Lisboa e seu pai tinha uma oficina de medalhista, parece que situada nas Portas de Santo Antão, onde ele aprendeu e trabalhou como pantografista. Aliás um excelente pantografista, e também fresador. Creio que foi a razão de mais tarde ele aparecer na Marinha Grande. O passado do Pedro Viana Jorge passou pela Aníbal H. Abrantes como muitos outros que fizeram o início da história dos moldes em Portugal.

Mais tarde muda-se para o Porto onde casa e tem uma filha. Posteriormente ficou viúvo mas entretanto voltou a casar.

O Pedro Viana Jorge era acima de tudo um “bom vivant”. Era conhecido pela sua paixão, quando mais jovem, pelos excelentes automóveis, e “saías”. Mas era um verdadeiro “gentleman” e sabia viver! Apesar da sua morte prematura, posso dizer que soube como desfrutar a vida.

Alguém terá afirmado um dia (parece que foi Henrique Neto) que Pedro Viana Jorge terá sido o primeiro verdadeiro fresador de moldes em Portugal. Apesar de só o ter conhecido quando ele já era um empresário, recordo-me perfeitamente da forma como ele resolveu um problema da fresagem de um molde, que todos nós, incluindo o nosso encarregado, dizíamos que era impossível, e no qual ele demonstrou muita perícia e conhecimento.

Em 1969 surgiu um convite para ir para Luanda em Angola para a CIPAL – Companhia Industrial de Plásticos de Angola. ANGOLA

A origem deste episódio surgiu quando eu ainda estava na Somatex. Na altura saíram, para ir para essa empresa em Luanda, um fresador, um serralheiro e um torneiro. Este já tinha trabalhado comigo na CRUMP e era da Trofa. Quando nos despedimos um do outro, eu disse-lhe para ele não se esquecer de mim, e para me avisar se a aventura africana valesse a pena.

Passados dois anos tinha um familiar dele à minha procura. Foi em Fevereiro de 1969. Nessa altura estava noivo e questionei a minha noiva sobre a proposta. “Para

começar um nova vida pode ser em qualquer lado”, foi a resposta que fez com que em Junho desse mesmo ano já estivéssemos a morar em Luanda.

Em 1969 a CIPAL teria cerca de 100 funcionários. Mas tudo foi crescendo, incluindo a parte de desenho, a oficina de moldes e o departamento de controlo e planeamento. Foi evoluindo de tal maneira que em 1974 tornou-se na maior fábrica de plásticos de Portugal, com cerca de 500 funcionários.

CIPAL A Cípal pertencia ao Sr. Patrocínio Álvaro, que era oriundo das Beiras, mais concretamente de Trancoso. Era um empresário e um fazendeiro com inúmeros negócios. Quando cheguei lá, a Cípal ainda não tinha gabinete de desenho. Digamos que fui para lá para começar tudo de novo. No entanto já tinha oito máquinas de injeção e duas máquinas de insuflado, uma máquina de calçado plástico rotativa e também meia dúzia de máquinas para extrusão.

Em 1969 a CIPAL teria cerca de 100 funcionários. Mas tudo foi crescendo, in-

Posso descrever esta minha aventura em Luanda como “verdadeiros anos de ouro”. Foram sem dúvida os seis melhores anos da minha vida adulta. Luanda oferecia condições únicas, era uma cidade cosmopolita, recheada dos encantos africanos e com praias maravilhosas, onde se podia trabalhar, ir à praia todo o ano mergulhar nas águas quentes e pescar no rio Kuanza.

cluindo a parte de desenho, a oficina de moldes e o departamento de controlo e planeamento. Foi evoluindo de tal maneira que em 1974 tornou-se na maior fábrica de plásticos de Portugal, com cerca de 500 funcionários.

A fábrica trabalhava 24 horas por dia, 6 dias por semana e absorvia todo o mercado angolano. Estive inicialmente no gabinete de desenho, mais tarde estive envolvido na implementação do departamento do controlo e planeamento, e por lá fiquei até me vir embora, pelas razões óbvias criadas com a descolonização e já conhecidas de todos. Contudo sei que a empresa continuou a trabalhar.

Posso descrever esta minha aventura em Luanda como “verdadeiros anos de ouro”. Foram sem dúvida os seis melhores anos da minha vida adulta. Luanda oferecia condições únicas, era uma cidade cosmopolita, recheada dos encantos africanos e com praias maravilhosas, onde se podia trabalhar, ir à praia todo o ano mergulhar nas águas quentes e pescar no rio Kuanza.

REGRESSO DE ANGOLA Regresso ao Continente, para a Póvoa de Varzim, em Novembro de 1975. A situação em Portugal era bastante complicada e era muito difícil arranjar trabalho.

No entanto encontrei um anúncio no jornal: procuravam um desenhador e um programador de trabalho para Braga. Tratava-se de uma empresa de fundição de ferro cinzento e de latão, que fabricava torneiras. Já não existe. Chamava-se Fumbral e situava-se na freguesia de Lomar, em Braga.

Comecei a trabalhar como programador nesta empresa em Janeiro de 1976. Fiquei responsável por organizar a secção de planeamento e programação. Na

O meu contacto com os Bueso surge através da Fumbral, porque os Bueso eram fornecedores de manípulos de plástico para as torneiras que fabricávamos.

mesma altura também tinha sido contratado um desenhador, porém era um rapaz que parecia pouco entender daquilo. Logo nos primeiros dias tive que resolver um problema num projecto de torneiras para serem normalizadas para o mercado inglês, que esse mesmo desenhador não tinha conseguido dar conta do recado.

Penso que com este episódio comecei a mostrar a minha polivalência profissional, e comecei a estender-me por mais áreas da empresa. Mais tarde já viajava com o dono pelo estrangeiro à procura de novos clientes. O dono da empresa era uma pessoa muito desconfiada, provavelmente ainda afectada e marcada pelas turbulências laborais pós 25 de Abril.

O meu contacto com os Bueso surge através da Fumbral, porque os Bueso eram fornecedores de manípulos de plástico para as torneiras que fabricávamos. Pouco tempo depois surpreendi Xavier Bueso, numa conversa de ocasião, com os meus conhecimentos sobre plásticos. Ele questionou-me qual era a razão do meu domínio nesta área, ao qual eu respondi-lhe que derivava do meu passado profissional. **BUESOS**

A verdade é que no dia seguinte surge na empresa o irmão do Xavier, Eduardo Bueso acompanhado por um colaborador, com o intuito de me convidar para trabalhar com eles. Colaborei na empresa de plásticos Bueso durante um ano e meio, no contexto de assessoria e projecto.

Além do negócio dos manípulos de plástico, a Bueso, tinha um negócio peculiar: fabricava pérolas artificiais, que era um negócio já longo, que vinha da família Bueso. Fabricavam as pérolas a partir do vidro.

Entretanto, em 1978, envolvi-me juntamente com os irmãos Bueso no projecto entusiasmante de formação de uma nova empresa, a BCF – Construção de Moldes, Lda. A ideia era fazer moldes de plástico, inicialmente para a Bueso, mas para posteriormente alcançar novos clientes e mercados. **BCF**

A empresa era constituída por 5 sócios: os irmãos Bueso juntamente com o pai detinham 60% da sociedade, e eu e o Amândio Fonseca dividíamos os restantes 40%. Mais tarde modificamos as quotas e cada um ficou com 33%, sendo o Xavier Bueso quem representava a família Bueso nesta sociedade. Deixou a empresa vendendo a sua cota, por volta de 1990/91.

Ao final do primeiro ano tínhamos cerca de 12 pessoas a trabalhar connosco. A empresa nunca chegou a crescer muito a nível de funcionários, teve no máximo cerca de 25 pessoas. Inicialmente trabalhávamos directamente com a Bueso, mas progressivamente alargamos o mercado e conseguimos clientes em Inglaterra e nos Estados Unidos e Espanha. Eu era o técnico comercial. Deslocava-me às feiras internacionais de plásticos em prospecção de mercado, mas chegamos também a trabalhar com um par de agentes de moldes.

Um deles era um americano de origem polaca, chamava-se Andrew Jasinski. **AGENTES**

Entretanto, em 1978, envolvi-me juntamente com os irmãos Bueso no projecto entusiasmante de formação de uma nova empresa, a BCF – Construção de Moldes, Lda.

Trabalhamos também com o Sr. Steffen. Conheci-o em 1982. O primeiro contacto com ele foi em Inglaterra e foi muito duro. Ele foi bastante agressivo e, mesmo antes de eu me apresentar, ele afirmou peremptoriamente que conhecia todos os fabricantes de moldes portugueses e que todos, sem excepção, eram uns vigaristas (!!??). Era um homem complicado.

No entanto pediu-me orçamentos para uma série de peças de produtos para o lar. Apresentei-lhe o orçamento e ele escolheu então os moldes que me iria encomendar, e na mesma hora passou um cheque com um terço do valor da encomenda. Foi a nossa primeira encomenda para o mercado externo e deste modo começou a nossa relação com o Sr. Steffen, que todavia também acabou da pior maneira.

TIMEX Não conseguimos obter maior presença no mercado muito por culpa da nossa situação geográfica, pois estávamos muito afastados dos principais núcleos logísticos de moldes.

Apesar disso, adquirimos alguns clientes bastante importantes. Destaco a Timex Portugal, situada na Caparica. Fizemos vários moldes para os computadores Sinclair que eram montados em Portugal pela Timex. Primeiro para o ZX81, e posteriormente para o Spectrum. Esses moldes trabalhavam na Fábrica Bueso que injectava as peças (caixas) e fazia o revestimento interior por metalização por vácuo. O processo do revestimento das caixas foi importantíssimo, porque foi desse modo que a Timex conseguiu obedecer às normas de radiações de segurança que eram impostas no mercado dos Estados Unidos.

Contudo a Bueso ainda passou uns momentos complicados com o final brusco da vida dos computadores da Timex, porque o projecto da Timex envolveu elevados investimentos em tecnologia e novos meios técnicos e humanos.

Recordo-me que a Timex nos apareceu no Verão. Um dia estava eu a gozar as minhas férias, na praia da Póvoa de Varzim, e inesperadamente surge o Xavier Bueso, que me foi buscar para uma reunião urgente em Braga com um novo cliente que nos queria contactar. Era a Timex. Posso dizer que foi nesse preciso momento que terminaram as minhas férias. Começamos por desenhar uma caixa para um interface e construir o molde, que felizmente correu muito bem, e por arrasto surgiram as restantes peças. Foi uma boa relação, com um trabalho interessante. Proporcionaram-me dois anos de trabalho árduo. Quase todas as semanas viajava para Lisboa. Lembro-me do projecto do computador chamado 48K, um modelo desenvolvido pela própria Timex Portugal, que me obrigou a três noites seguidas sem dormir.

BRAUN A Braun também foi um bom cliente. Trabalhamos com eles durante muito anos, com a fábrica sediada em Barcelona e com a fábrica que montaram no México. Fizemos cerca de 150 moldes para Barcelona e para o México.

FIM DA BCF Todavia surgiu a Guerra do Golfo, e a partir dessa altura vivemos momentos muito complicados e perdemos muitos clientes. Foi por essa altura que tentámos

Não conseguimos obter maior presença no mercado muito por culpa da nossa situação geográfica, pois estávamos muito afastados dos principais núcleos logísticos de moldes. Apesar disso, adquirimos alguns clientes bastante importantes. Destaco a Timex Portugal, situada na Caparica. Fizemos vários moldes para os computadores Sinclair que eram montados em Portugal pela Timex. Primeiro para o ZX81, e posteriormente para o Spectrum.

entrar na indústria automóvel, através de uma empresa de Barcelona de retrovisores, que pertencia ao grupo Ficosa. Mas foi um cliente muito difícil, eram pouco claros, e saímos prejudicados desse processo. A situação da empresa foi piorando até que não houve outra solução senão o seu fim, em 1995.

Foi um projecto bastante interessante que não terminou da melhor forma.. Todavia, nasceram boas coisas da BCF como sejam alguns bons profissionais que estão por aí exercendo a sua actividade com grande qualidade e profissionalismo. Recordo, por exemplo, Benjamim Sousa, que foi admitido ainda um jovem nos primeiros tempos da BCF. Tinha o curso Industrial, trabalhava como preparador ou programador numa empresa metalúrgica, em Braga, e aspirava a ser desenhador. Apesar de nenhuma formação que ele tinha nesta área foi contratado. Foi uma boa aposta pois rapidamente mostrou a sua aptidão. Mais tarde foi para a Marinha Grande e posteriormente para Orense (Galiza). Hoje é um industrial de moldes bastante conceituado na Galiza como profissional e empresário. É sócio-gerente e fundador da Informoldes, uma excelente empresa situada no Porriño (Galiza). Há outros, também, como o António Gomes, projectista, e o Bento, ajustador, que foram formados na BCF e que são, desde há muito, excelentes profissionais. Também estão a trabalhar na Informoldes.

Há ainda vários outros bons profissionais, por aí, que se fizeram na BCF ou que por lá passaram.

Se não for por mais, só por isso valeu a pena a aventura BCF. Outros "louros" não ficaram, antes pelo contrário, "dores" que ainda hoje perduram e vão queimar a "pele" por muito tempo.

Foi uma boa relação, com um trabalho interessante. Proporcionaram-me dois anos de trabalho árduo. Quase todas as semanas viajava para Lisboa. Lembro-me do projecto do computador chamado 48K, um modelo desenvolvido pela própria Timex Portugal, que me obrigou a três noites seguidas sem dormir.

Mais tarde comecei a trabalhar em Espanha. Foi por mera casualidade. Tudo começou por uma conversa com um amigo de Oliveira de Azeméis, que também estava ligado aos moldes, e que estava a trabalhar em Espanha. GALIZA, ESPANHA

Durante a conversa questioneei-lhe se tinha valido a pena a deslocação dele para Espanha. Eu estava curioso porque a Espanha sempre me cativou o interesse. Ele respondeu que desconhecia este meu interesse, mas que curiosamente tinha conhecimento de uma empresa, a Matrigalsa, em Vigo, que estava à procura de uma pessoa para o departamento de projecto. Foi dessa maneira que contactei a

tal empresa, que de facto demonstrou interesse em contratar-me.

Passado duas semanas já estava a trabalhar na Matrigalsa, uma empresa de construção de moldes, que curiosamente produzem moldes para Portugal. Fabricam fundamentalmente moldes para a indústria automóvel, maioritariamente moldes de fundição injectada. Trabalhei na Matrigalsa durante três anos.

DALPHIMETAL Neste momento sigo a trabalhar em Espanha numa empresa multinacional ligada à indústria automóvel, a Dalphimetal. É um grupo grande, com fábricas e centros de engenharia distribuídos por vários países que tem também fábricas (3), em Ponte de Lima e em Vila Nova de Cerveira. Seus principais produtos são volantes (maior produtor mundial) e sistemas de airbags (entre os 3 ou 4 maiores produtores mundiais).

Estou no departamento de engenharia de processo, como técnico especialista em moldes para plásticos. Sou responsável particularmente pelos moldes para as cobertas para airbags, com a função de assessoramento técnico ao departamento de I+D, no desenvolvimento das cobertas nos aspectos que envolva o molde, e do seguimento do processo molde/coberta do airbag, desde o caderno de encargos, análise e aprovação de projecto de molde, sua construção, ensaios “puesta a punto” e entrega à fábrica de injeção.

A Azemoldes, de Oliveira de Azeméis, é actualmente o nosso principal fornecedor de moldes em Portugal. É uma excelente empresa que tem a capacidade de responder aos nossos requisitos, porque, de facto, a indústria automóvel é bastante exigente.